

Educação e saúde em perspectiva

Ao realçar os escopos de uma ecologia do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, Guattari apreende a questão como totalidade e nomeia como ecosofia a relação entre estas três ecologias

Com as suas “três ecologias”, Félix Guattari bem expressou a dimensão da problemática que envolve o assunto e, ao mesmo tempo, aportou subsídios para se questionar os lugares-comuns no debate sobre meio ambiente. Isto é, trata-se de entender que, não obstante a importância do tema, as discussões sobre a questão ecológica, por vezes, se têm limitado, de um lado, a reproduzir chavões e, de outro, têm levado a efeito abordagens que enviesam a compreensão do que está em questão. Neste último caso, o facto é uma decorrência de se adotar enfoques disciplinares (apenas de uma área do conhecimento) para um tema que, *de per si*, é marcado pela pluralidade epistémica, demandando, por exemplo, a necessária interconexão entre as ciências físico-naturais e as ciências sociais/humanas.

Ao realçar os escopos de uma *ecologia do meio ambiente*, das *relações sociais* e da *subjetividade humana*, Guattari apreende a questão como totalidade e nomeia como *ecosofia* a relação entre estas três ecologias. As consequências dessa formulação, para a intervenção prática, são óbvias, como logo perceberão “os que têm treino” na matéria. Contudo, permitimo-me pôr em relevo duas decorrências interligadas.

A primeira concerne ao papel da educação. Sabendo-se que esta, dizendo respeito à dimensão escolar e não-escolar, consubstancia relações de sociabilidade que, ao fim e ao cabo, estruturam padrões sociais (afinal, a repetição da acção configura a estrutura), é imprescindível que ela seja mobilizada como dispositivo de persuasão social (o que não significa normatividade curricular formal) na consecução da agenda de consciência ecológica.

A segunda refere-se às iniciativas do *campo da saúde*. Além das variáveis que o relacionam ao meio ambiente em si, é de se reter - quando temos em conta que a *ecosofia* pressupõe relações sociais e subjectividade humana - que os serviços de saúde têm uma imprescindível função a desempenhar nas actividades de “cidadania ecológica”, nomeadamente no que toca ao aspecto preventivo. O que requer interação, diálogo, portanto trabalho educativo junto à população.

Ainda no que toca ao campo da saúde, também não se pode colocar de parte que determinados estados fisiológicos não são dados completamente objetivos, como mostram vários trabalhos psicossociológicos, mas, sim, exigem interpretação relacionada aos contextos sociais nos quais são produzidos. O que significa dizer que devem ser focados a partir do âmbito cultural, ou seja, impõe-se que a educação seja accionada. A propósito, não é de se esquecer a célebre pesquisa de Howard Becker mostrando que a satisfação invocada pelos usuários de maconha não é imediata. É produto da aprendizagem resultante da pertença a um grupo de fumantes.

Tal é a *démarche* que se impõe para a superação dos lugares-comuns e dos entendimentos enviesados em torno da problemática ecológica. Estas são abordagens que, apesar de vislumbrarem os perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente *natural* das sociedades, geralmente se limitam a focar os danos industriais e, mesmo assim, numa perspectiva tecnocrática. É necessário ir além disso. O problema fundamental está colocado em outro patamar, expresso, por exemplo, num desafiante paradoxo: por um lado, tem-se o desenvolvimento contínuo de *novos meios técnico-científicos* capazes de atender às demandas ecológicas e garantir o equilíbrio das actividades socialmente úteis para o planeta; por outro lado, porém, verifica-se a indisposição sistémica no sentido de utilizá-los neste sentido.

Ivonaldo Leite